

# Cientistas apontam aumento de infecções por fungo

Carlão Limeira/AE-16/6/93

*Micoses graves já atingem 10% dos doentes de Aids e 40% dos pacientes submetidos a transplantes de medula óssea; pesquisadores estudam novas drogas e técnicas de diagnóstico para deter o avanço dos fungos*

CHICO OTAVIO

**R**IO — O aumento dos casos de infecção oportunista causados por fungos está mobilizando a comunidade científica. Micoses graves, que podem ser fatais para o ser humano, já atingem 10% dos doentes de Aids e até 40% das pessoas que se submeteram a transplantes de medula óssea. No Brasil e no mundo, pesquisadores se esforçam em aumentar o arsenal de drogas e técnicas de diagnóstico precoce para deter o avanço dos fungos no campo das patologias graves.

Os fungos não pertencem aos reinos animal ou vegetal, mas respondem por 70% da vida no planeta. Como têm características próprias, a ciência foi obrigada a criar uma categoria específica, o reino fungi, para abrigá-los. São largamente utilizados na indústria farmacêutica e na culinária, mas agora revelam o seu lado de vilão.

A médica Márcia Lazéra, do Laboratório de Micologia Médica do Hospital Evandro Chagas (Fundação Oswaldo Cruz), garante que o aumento dos casos de doenças fúngicas está relacionado ao crescimento de uma população mundial de pessoas imunodeprimidas. Segundo ela, existem três tipos de lesão provocadas pelos fungos: superficiais (ou cutâneas), subcutâneas (quando o fungo é inoculado acidentalmente) e respiratória.

O terceiro caso é o mais grave. Márcia Lazéra explica que, neste caso, o fungo passa pelo pulmão e cai no sangue, espalhando-se pelo organismo. Ela revela que a criptococose, uma doença provocada pelo fungo *Cryptococcus neoformans*, já atinge 10% dos doentes de Aids no Brasil, causando meningite e infecções generalizadas em suas vítimas. Márcia acrescenta que 40% das pessoas

que se submeteram a transplante de medula óssea também estão sendo atingidas por "infecções fúngicas oportunistas".

No final do mês, cientistas de vários países estarão no Rio para participar do I Congresso Latino-americano de Micotoxicologia. Pela primeira vez, eles vão debater um objetivo comum: o aumento do arsenal de técnicas de diagnóstico precoce, drogas e estudos atualmente disponíveis para proteger os pacientes imunodeprimidos dos fungos patogênicos — aqueles que causam as doenças micóticas.

O crescimento do número de vítimas dos fungos está levando muita gente a acreditar que o Brasil enfrenta hoje uma espécie de epidemia. Os pesquisadores, contudo, negam o fenômeno. "Não é culpa do fungo se eles no momento estão com a sua virulência exacerbada", reage a pesquisadora Pedri-

na Cunha de Oliveira, uma das maiores especialistas no assunto. Segundo ela, "o homem é que está perdendo as suas resistências, tornando o fungo uma espécie de aproveitador das circunstâncias".

Pedrina de Oliveira é chefe do Departamento de Micologia do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), responsável pelo maior banco de fungos do País. O local reúne mais de 2 mil cepas de fungos isoladas e conservadas vivas para estudos e desenvolvimento de medicamentos. Além de fornecer cepas para vacinas anti-alérgicas e para testar novas drogas, o Departamento de Micologia desenvolve pesquisa sobre o uso dos fungos no controle biológico de larvas de mosquitos vetores de doenças tropicais. Os pesquisadores estão tentando isolar um tipo de fungo do organismo do mosquito doente que seja letal para o inseto para ser usado na produção de um tipo de larvicida.

**F**IOCRUZ  
REÚNE MAIS DE  
2 MIL CEPAS  
PARA ESTUDO



Praia de Ipanema, Rio: 1.334 fungos em apenas quatro pontos, muitas espécies são consideradas potencialmente patogênicas